

***Uptown boys*¹: a ascensão social do negro no cinema de Hollywood e o assalto neoliberal da era Reagan²**

Fabiano Pereira de Souza³
Universidade Federal do ABC – UFABC

Resumo

No *soft power* (NYE, 2005) do cinema e da TV hollywoodianos, a inclusão do negro nos anos 2010 levou além representações ficcionais dos anos 1980. Sua assimilação entre brancos da elite econômica gerou desafios de naturalização e catalisam as eras Reagan e Trump. Para compreender como inicialmente esses enredos foram elaborados, analiso as comédias *A cara do pai* (Carbon copy, 1981), de Michael Schultz, *O brinquedo* (The toy, 1982), de Richard Donner, e *Trocando as bolas* (Trading places, 1983), de John Landis. Tais representações contribuem para a atualização e reflexão acerca do conceito de assimilação (KIVISTO, 2017 e 2002), relacionado aos de inclusão e integração social (CASHMORE, 2004) e à custódia protetora branca nas duplas birraciais do cinema americano da época (GUERRERO, 1993). A presença do negro nessas obras reforça a ideia do neoliberalismo como sistema acessível para todos.

Palavra-chave: cinema; Hollywood; representação do negro; neoliberalismo; assimilação.

Introdução

No cinema modela-se o conteúdo das ideias por composições de imagens e sons, os movimentos e as articulações entre suas diferentes partes. Além disso, há interferências diversas que se colocam entre a criação do artista e a materialização da obra, como as técnicas, orçamentárias e das relações entre integrantes de um tipo de trabalho que é sempre intrinsecamente coletivo, portanto também sujeito a estratégias políticas e mercadológicas. Da mesma forma, a circulação desses produtos culturais é balizada por variadas questões de âmbito cultural, social, político e econômico. "Essas instâncias são produtoras de discursos e estratégias que prescrevem práticas de apropriação, legitimam ou não repertórios e franqueiam caminhos para a difusão social de determinados conteúdos culturais" (SOARES, 2011, p. 90-91).

As estratégias de criação de imaginário conservador de viés inclusivo que o cinema hollywoodiano ajuda a pavimentar ao longo dos últimos 70 anos, reavivadas e

¹ Rapazes dos subúrbios ricos, em inglês, alusão à canção de sucesso do cantor Billie Joel, *Uptown Girl* (1983).

² Trabalho apresentado no GP Cinema, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

³ Doutor em Comunicação, pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais (PPGRI) da Universidade Federal do ABC (UFABC). E-mail: fabian59@gmail.com.

atualizadas na década de 2010, permitem ligar, por meio de aspectos sociais fortemente atrelados a contextos políticos, a recente representatividade do negro em papéis do alto escalão corporativo, à era Reagan. Por sua vez, esta levou além a assimilação do negro nas dinâmicas da elite branca do país, comparada ao escopo da inclusão do negro por meio de grandes produções de cinema nos anos 1950 de Eisenhower, ambas as épocas ainda na vigência da chamada "Guerra Fria Cultural" (NAPOLITANO, p. 68). Pode-se notar assim, nos Estados Unidos, ciclos de três décadas de processos históricos, com traços de assimilação recorrentes na produção cultural, em geral de cunho reacionário. São desenvolvimentos pós-modernos do *soft power* de Washington (NYE, 2004) (BEASLEY; BROOK, 2019, p. 3-4), de que Hollywood é braço cultural, inclusive em momentos de conservadorismo acentuado. Ao se abordar assimilação social, há de se distingui-la dos conceito de inclusão e integração.

Se há uma palavra que captura um dos sentimentos mais marcantes dos anos 2000, é inclusão. Já se foi o discurso sobre assimilação, no qual grupos diversos devem se fundir em um todo comum, ou integração, no qual as diferenças devem ser toleradas, embora não necessariamente incentivadas. Inclusão sugere que grupos com interesses, predisposições e propósitos divergentes, talvez até conflitantes, devem ser encorajados a se tornarem parte de uma coletividade, mas sem concessões. A diferença é algo a ser respeitado e valorizado, em vez de desprezado ou temido. A inclusão social eclipsou todos os outros objetivos políticos. Não basta mais reconhecer a diversidade cultural. Ela deve ser incorporada a uma arquitetura social tão complexa e variada que possa acomodar, servir e permitir a expressão de uma gama caleidoscópica de culturas e estilos de vida. É a antítese da exclusão social. (CASHMORE, 2004, p. XVI)

A contrapartida a essa nova perspectiva cultural veio na década seguinte. Conquistas sociais que não tivessem sido anuladas nos 30 anos anteriores tornaram-se alvos claros da agenda conservadora. Nos anos 2010, tempo de grandes retrocessos das políticas públicas de amparo social, o que Hollywood produziu de mais consonante com relação a essas diretrizes políticas que nada têm de novas foi uma enorme ênfase em narrativas infantilizadas de base maniqueísta. Diversos filmes de super-heróis, vampiros e zumbis alavancaram a inclusão identitária de mulheres, negros e LGBTQIAA+ a título de renovação, quando, na verdade, apenas operaram num sentido a mais de reiteração.

Um fenômeno adicional que se fez notar também foi um resgate de referências culturais dos anos 1980, a era Reagan, como a época de referência nostálgica, não raro associada a personagens infantis ou adolescentes, uma tendência que já vinha se

revelando pontualmente desde o início deste século, mas que se formatou mais claramente na década de 2010. A onda conservadora se manifestou claramente pela eleição de Donald Trump, que publicamente fazia declarações xenofóbicas, negacionistas e, não raro, misóginas. Tais episódios pavimentaram o imaginário de seu eleitorado para ações de ultra-direita que culminaram até na invasão do Capitólio após sua derrota nas eleições seguintes para Joe Biden, em 2021, e a sua reeleição em 2024. As políticas de austeridade econômica reprisavam as investidas da era Reagan, porém com um discurso que deslocava o grande inimigo da Rússia para a China, pelo menos até o conflito na Ucrânia em 2022, já durante o governo Biden.

Reagan

A era Reagan (1981-1988), que inclui a presidência de George Bush (1989-1992), marcou o período de austeridade fiscal pública, aliada a uma forte desregulação e escalada da especulação financeira. Valorizava-se a noção de estado mínimo explorando a frustração pública na década anterior com discursos individualistas de sucesso. Foi atualizado o discurso do *self-made man*, o homem feito por si próprio, com os *yuppies*, jovens com alto salários em Wall Street e demais centros financeiros, aproveitando esse novo contexto político e econômico. Era uma resposta ao desapontamento generalizado causado pela derrota no Vietnã, o escândalo de corrupção Watergate e a crise do petróleo de 1973, que abalaram a crença de que padrões estruturais de brio, competência e conforto associados ao estilo de vida americano seriam garantidos pelo governo.

Vendida como exemplo da inclusão tão em voga nos anos 2000, a presença do negro no cinema, na TV e na cultura pop de Hollywood como um todo passou a cada vez mais marcar a capacidade desse grupo étnico alcançar os andares superiores da sociedade por um padrão de renda que explicita dinheiro de sobra decorrente de sucesso profissional. Desde então, inúmeros videoclipes de cantores negros esbanjam carros europeus de alto luxo, muitas joias e roupas de grife, em meio a coreografias cada vez mais sexualizadas ao som de canções que diluem, quando não anulam, em temas egocêntricos qualquer crítica social que o rap e o *hip hop* musicalizavam 30 anos antes.

Na TV e no cinema, o destaque são protagonistas da elite financeira do país. Aí, a inclusão cultural dos anos 2010 se revela uma estratégia de assimilação do negro na dinâmica econômica e política dessa nova rodada de retrocessos. As bases

individualistas para isso, como toda a série de iniciativas sócio-políticas conservadoras, remontam os anos 1980. Há um processo de acomodação por trás do fenômeno de assimilação. "Cada avanço na educação e na inteligência permite que o negro possua a técnica de comunicação e organização do homem branco, contribuindo assim para a extensão e consolidação do mundo negro dentro do branco", avalia Robert Ezra Park (1914, p. 617), sociólogo da Universidade de Chicago que se notabilizou pela defesa dessa teoria. "Acomodação é o processo pelo qual novos membros aprendem as regras e costumes sociais que regulam a competição e aprendem a subordinar ou ajustar os interesses individuais aos interesses da sociedade" (KIVISTO, 2017, p. 114), um processo de interpenetração em que indivíduos ou grupos tomam memórias, sentimentos e as atitudes de outras pessoas e grupos como sendo seus.

O movimento pelos direitos civis dos negros havia promovido avanços para a parcela da classe média que ele representava, como a maior presença de negros em profissões qualificadas. Nos anos 1990, os negros já eram 12% dos estudantes universitários, mais que dobrando os 5% de duas décadas antes. "A proporção de negros que se formaram no ensino médio e que continuaram os estudos no ensino superior igualou-se à dos brancos em 2000" (FERNANDES et al, 2007, p. 307), mesmo que, proporcionalmente, menos daqueles completassem o ensino médio. Ainda assim, programas de ação afirmativa nas universidades foram reduzidos ou cancelados.

Também foram minadas iniciativas para efetivamente garantir o voto dos negros, especialmente por prefeitos e governadores do sul do país, o que renunciou novas delimitações dos distritos eleitorais que diminuíssem a proporção de eleitores negros e critérios fraudulentos que desqualificassem potenciais eleitores negros nos dias de votação. Foi o caso do ato de direito de voto com que o Congresso estabeleceu em 1982 várias diretrizes para reconfigurar os distritos eleitorais pelo princípio de “equilíbrio racial”, que a Suprema Corte mais conservadora de 1993, formada com indicações dos governos Reagan e Bush, revogou na decisão *Shaw versus Reno*. A situação econômica dos redutos negros urbanos piorou nos anos 1970 e 1980.

Um terço da população negra ficou abaixo da linha de pobreza, sem recursos suficientes para educação e outros serviços públicos, carente de emprego, treinamento e oportunidade. No fim dos anos 1990, a renda familiar branca ficou quatro vezes maior que a das famílias negras. A estrutura familiar foi abalada: somente 38% das crianças negras moravam em famílias biparentais em 2000. Um quarto das crianças negras vivia na pobreza. A redução do estado de bem-estar,

ao longo dos anos 1980 e 1990, também piorou as condições da vida de negros desproporcionalmente em relação aos brancos. Frustração com o racismo ainda existente, poucas oportunidades econômicas e violência policial provocaram vários motins urbanos desencadeados por questões raciais em Miami, Nova York e outras cidades nos anos 1980 e 1990. (FERNANDES et al, 2007, p. 308)

Se o movimento pelos direitos civis dos negros começou a ganhar força e galgar conquistas inclusivas durante os anos 1950, como uma demonstração de enfrentamento diante da exaustão com a segregação no sul do país depois da Segunda Guerra Mundial, em 1984 o empresário Reginald Francis Lewis ganhou manchetes e capas de revista ao se tornar o primeiro negro dos Estados Unidos a construir uma empresa de um bilhão de dólares. Ao adentrar o exclusivíssimo grupo social mais privilegiado do país, Lewis demonstrou ter assimilado as mesmas regras do jogo econômico branco estabelecido no capitalismo central, jamais se propondo a confrontá-lo em sua estrutura e propósitos.

Os anos 1980 já traziam culturalmente a identidade complexa de referenciais múltiplos passados entre os contemporâneos. Há uma maior interdependência global como causa do colapso das identidades culturais fortes, que fragmenta códigos culturais, numa multiplicidade de estilos efêmeros, flutuantes e impermanentes. A esse pluralismo cultural ele se refere como pós-moderno global. Fluxos culturais e o consumismo criam possibilidades de identidades partilhadas por consumidores dos mesmos produtos e serviços, públicos de mensagens e imagens homogeneizadas (HALL, 2006, p. 73-74). Perde-se vínculos originais de tempos, lugares, histórias e tradições específicos. Uma gama de diferentes identidades apela a diferentes aspectos de nós, dando a impressão de ser possível escolher de quais participar (HALL, 2006, p. 75).

A adoção desenfreada das novas mídias digitais, com seu imenso volume de informações e possibilidade existenciais, gerou bolhas de comunicação e uma crescente sensação de anomia (MACMANUS, 2020, p. 69-70). Antigas identidades se tornaram pastiches irônicos e holísticos, como demonstram personalidades públicas reverenciadas e símbolos honrados que foram dessacralizados e incluídos no rol de elementos visuais e sonoros a serem explorados pela computação gráfica em filmes, quase sempre por alguma abordagem de cunho irônico ou cínico. Para conservadores pós-modernos, a representação performativa de símbolos, rituais e identidades tradicionais como nova forma de espetáculo e entretenimento ideológico é recurso de extrema importância, especialmente no *soft power* das novas mídias sociais (MCMANUS, 2020, p. 71).

Metodologia

A presença dos negros no cinema americano se deu por meio de uma história que começou modesta e caricata e hoje disputa espaço entre as maiores produções de Hollywood, com alguns dos maiores astros e estrelas de cinema mundial. Não obstante, essa trajetória não deixa de ser pontuada por representações problemáticas, tão mais quanto mais famoso for o ator ou atriz a assumir o papel de protagonista, maior for o orçamento e mais distribuição a obra tiver. Até os anos 1950, a caracterização típica do negro em Hollywood era estereotipada e degradante, não raro com carga nostálgica da vida no Sul dos país antes da Guerra da Secessão, de personagens em situações exacerbadamente servis, como babás, empregadas e mordomos que reforçavam a posição social que a maioria branca esperava dos negros. "Personagens afro-americanos, em consonância com os estereótipos dominantes, eram retratados como incompetentes, infantis, hipersexualizados e criminosos" (THOMPSON, 2012).

Com a chegada da era Reagan nos anos 1980, a assimilação do negro no cinema *mainstream* deu passos decisivos. Além da presença de negros com muito da atitude empoderada e irreverente dos anos 1970 em tramas de elenco majoritariamente branco e grande produção, algumas delas comédias. Entretanto, um dado que não mereceu até hoje destaque histórico é a recorrência com que a figura do negro passa a interagir com brancos da elite econômica dos Estados Unidos de modos outros que não a mera servitude de trabalhadores domésticos. É o caso de *A cara do pai* (Carbon copy, 1981), *O brinquedo* (The toy, 1982) e *Trocando as bolas* (Trading places, 1983). Entender como se deu essa caracterização é essencial para rastrear como e por que esse aspecto de assimilação se deu diante do novo ápice de retrocesso civil conservador da época. Pela análise fílmica, o discurso que a obra cinematográfica constrói sobre a sociedade em que se insere aponta, nas suas ambiguidades, incertezas e tensões, a dimensão do cinema – inclusive ficcional – enquanto fonte histórica (MORETTIN, 2003, p. 39-40).

Para David Bordwell, a concepção explicativa de significado de um filme atribui ao cineasta um controle que reconhece o poder inegável dos agentes sociais de elaborar e executar planos. "No entanto, o conceito de significado culturalmente sintomático direciona nossa explicação para os aspectos do filme moldados pela "mão invisível" de

forças sociais mais amplas" (BORDWELL, 1991, p. 270). Nos anos 1970, vários filmes de amigos brancos marcaram uma reação cinematográfica ao então emergente movimento feminista, em que a marginalização ou o apagamento das mulheres da narrativa pautava o distanciamento do lar ao longo de uma jornada. Na década seguinte, esse nicho de filmes passou a ser com duplas biraciais.

E, como resultado dessa transposição racial, é preciso adicionar uma característica abrangente às já postuladas. Parece que, em uma década mais facilmente identificada pela presidência de Reagan, a ascensão de um ciclo ideologicamente conservador de filmes de Hollywood, conhecido como "cinema de recuperação" ou "entretenimento Reaganita" e o retorno de filmes de grande orçamento com economia de "sucesso de bilheteria", Hollywood colocou o que resta da presença negra na tela sob a custódia protetora, por assim dizer, de um protagonista ou coadjuvante branco e, portanto, em conformidade com as sensibilidades e expectativas brancas dominantes sobre como os negros deveriam ser. (GUERRERO, 1993, p. 239)

Com o estabelecimento de grandes astros e estrelas negros entre os mais bem pagos de Hollywood a partir dos anos 1990 e 2000, o processo de assimilação do negro na ficção cinematográfica e televisiva produziu matizes diversos de papéis, em termos de personalidade, níveis de interação com brancos e capacidade de atender aos propósitos do *soft power* de Washington. Foi também de 2009 a 2017 que Barack Obama fez história como o primeiro presidente negro dos Estados Unidos, talvez o maior ícone da assimilação social e cultural já experimentado pelo país. Não se destacou na história do cinema americano até aqui como nos anos 2010, em meio à crescente onda conservadora que levou à eleição de Donald Trump em 2016, protagonistas negros alcançaram representações em que eles já compunham parte da elite financeira. Esse fenômeno encontra ecos pontuais no mundo real, sem contudo ser capaz de ajudar a superar disparidades sociais históricas.

Para que se rastreie esses elos no cinema de Hollywood, é necessário relacionar as escolhas artísticas das obras selecionadas às questões históricas contemporâneas à sua produção. Personagens negros serão analisados em termos de: a) enredo; b) características de personalidade; c) contexto social; d) níveis de interação com brancos e e) capacidade de difundir propósitos do *soft power* de Washington. Elementos estéticos de imagem e som que contribuam nesse sentido serão destacados, muito embora seja previstos como prioridade aspectos de roteiro, a direção e interpretação dos atores. Dados biográficos desses artistas só serão considerados quando relevantes para o escopo

da pesquisa, já que ela tem como proposta observar e refletir sobre processos e valores relacionados ao que é contado, como e por que, a partir de diretrizes políticas e eventos sócio-culturais das obras que compõem o corpus de análise fílmica e histórica.

Assimilação?

A cara do pai (Carbon copy, 1981), de Michael Schultz, *O brinquedo* (The toy, 1982), de Richard Donner, e *Trocando as bolas* (Trading places, 1983), de John Landis, sempre respaldados por uma linguagem clássica de recursos audiovisuais tradicionais pautados pelo texto, fazem do humor o artifício envolvente da representação ficcional do acesso do negro na mais alta esfera social dos Estados Unidos. Essa representatividade cultural, hoje tão discutida nas chamadas pautas identitárias, tem na era Reagan um ponto de virada. Saíram os filmes de elenco todo negro dos anos 1950, os embates por direitos civis dos 1960 e a produção de nicho da *blaxploitation* dos anos 1970. Agora o negro tinha presença *mainstream* por dentro do universo branco e contextos e ambientes que mesmo a maioria dos brancos não alcança.

Schultz rege uma trama em que um executivo judeu de meia idade, Walter (George Segal), que já precisou omitir sua origem para ter acesso ao sucesso corporativo na empresa do sogro, se vê em apuros quando recebe a visita de um jovem negro que anuncia ser seu filho, Roger (Denzel Washington), fruto de um antigo relacionamento. Com a tentativa inicial de inclui-lo em seu círculo familiar 100% branco, a rejeição é total. Walter perde sua casa, seu Rolls-Royce, emprego, cartão corporativo, todo o conforto e status a que tinha acesso. O jovem, que parece perdido e nem consegue jogar basquete – contrariando os clichês das expectativas culturais e comportamentais –, aos poucos se revela maduro, responsável e um dedicado estudante bolsita de medicina, que confere um novo sentido à vida do pai. Diferente dos protagonistas dos outros dois filmes, Washington não é humorista. As situações divertidas ficam por conta do roteiro e da produção, como os constrangimentos vividos por Walter ou o ridículo da sucata móvel que Roger dirige. *A cara do pai* é o único dos três filmes em que o protagonista branco abdica da fortuna para se relacionar melhor (ser pai tardio) com o protagonista negro, cuja função tem caráter redentor do outro.

Em contrapartida, *O brinquedo* recicla velhos estereótipos de comédia. A trama apresenta um jornalista negro desempregado e trapalhão, Jack (Richard Pryor), que se

sujeita a ser uma espécie de babá e bobo da corte para o menino Eric (Scott Schwartz), filho de um empresário milionário, U.S. (Jackie Gleason), ocupado demais para dar atenção e afeto de pai a ele. O garoto se diverte criando algazarras humilhantes para Jack, tentando chamar atenção do pai. Quando chega ao ponto de exaustão e pede as contas, o jornalista descobre o afeto que o menino desenvolveu por ele e a gratidão do patrão, a quem ele deve o cuidado que não dispensa ao próprio filho. O papel de Jack equivale ao de uma versão masculina da ama de leite, mãe de criação, um papel de constrangedora submissão ao branco pela precariedade de sua condição financeira, "um escravo contemporâneo" (GUERRERO, 1993, p. 241).

Outro comediante, oriundo do programa de TV Saturday Night Live, Eddie Murphy interpreta o vigarista brincalhão Billy Ray em *Trocando as bolas*, em que se faz passar por cego paraplégico para pedir dinheiro e se vê envolvido numa aposta depois de um mal-entendido, com flagrantes – quando não declaradas – manifestações de racismo. Ele assume a vida e o emprego do executivo Louis (Dan Aykroyd), de quem tudo é tirado por um mero capricho de dois irmãos magnatas do mundo das finanças. A redenção de Louis e Billy, mais tarde aliados, se dá por uma jogada altamente fraudada na bolsa de valores de Nova York. O filme naturaliza a presença exótica do negro nas altas rodas sociais e a ascensão social por meios escusos no universo financeiro. O enriquecimento de Billy Ray se dá pelos termos estabelecidos pela mesma classe social que patrocinou a desregulamentação das transações financeiras e desmonte das políticas públicas de amparo à classe de onde ele veio, nos anos 1980.

Entre salvação meritocrática do homem branco rico, a atualização do papel de lacaio ou a transição de vigarista a investidor da bolsa, a presença do negro na elite americana segundo Hollywood é, mesmo com poucos exemplos, um reflexo e promoção de um período de retrocesso conservador que pavimenta um acesso restrito a poucos negros, como forma de deter embates mais arregimentados desse grupo social. A ideia difundida é a do *self-made man*, de que cada um pode vencer na vida individualmente, mesmo sendo negro. Todos serão aceitos no andar de cima, desde que se obedeça as regras da elite branca. A assimilação social que esses enredos exemplificam é de patente conformação. Conflitos individuais relacionados ao racismo se tornam pormenores de um processo econômico neoliberal predatório que se pretende livre apenas financeiramente, porém vendido culturalmente como acessível para todos.

Referências

BEASLEY, C., BROOK, H. **The cultural politics of contemporary Hollywood film**: power, culture, and society. Manchester: Manchester University Press, 2019.

BORDWELL, D. **Making meaning**: inference and rhetoric in the interpretation of cinema. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

CASHMORE, E. **Encyclopedia of race and ethnic studies**. Londres: Routledge, 2004.

FERNANDES, L. E.; KARNAL, L.; MORAIS, M. V. de; PURDY, S. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2007.

GUERRERO, E. The black image in protective custody: Hollywood's biracial buddy films of the eighties. In: DIAWARA, M. **Black American cinema**. Nova York: Routledge, 1993. p. 237-246.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KIVISTO, P. **The anthem companion to Robert Park**. Nova York: Anthem Press, 2017.

MACMANUS, M. **The rise of post-modern conservatism**: neoliberalism, post-modern culture, and reactionary politics. Londres: Palgrave MacMillan, 2020.

MORETTIN, E. V. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In: **História: Questões & Debates**, n. 38, p. 11-42. Curitiba: Editora UFPR, 2003.

NAPOLITANO, M. **História contemporânea 2**: do entreguerras à nova ordem mundial. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

NYE, Jr., J. S. **Soft power**: the means to success in world politics. Nova York: PublicAffairs, 2004.

PARK, R. E.. Racial assimilation in secondary groups with particular reference to the negro. **American Journal of Sociology**, Volume 19, Number 5. Mar., 1914. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/212297>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SOARES, G. P. História das ideias e mediações culturais: breves apontamentos. In: FRANCO, S. M. S.; JUNQUEIRA, M. A. **Cadernos de Seminários de Pesquisa**. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo / Humanitas, 2011, v. 2, p. 87-97.

THOMPSON, J. **From blackface to blaxploitation**: representations of African Americans in film. Disponível em:

<https://exhibits.library.duke.edu/exhibits/show/africanamericansinfilm/intro>. Acesso em: 30 abr. 2025.